

**Regimes de visibilidade e vigilância algorítmica nas plataformas digitais: operacionalizando o pensamento por imagens em perspectiva colaborativa**

---

**Regimes of visibility and algorithmic surveillance on digital platforms: operationalizing the thought through images in a collaborative perspective**

**Regímenes de visibilidad y vigilancia algorítmica en plataformas digitales: operacionalizando el pensamiento a través de imágenes en una perspectiva colaborativa**

Raquel Assunção Oliveira<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Brasil

[assuncaoraqueloliveira@gmail.com](mailto:assuncaoraqueloliveira@gmail.com)

**Abstract:** In this article, I present and analyze the results obtained in the first interview for the ongoing thesis project, which investigates how visibility regimes interfere with the algorithmic surveillance regime of bodies in contemporary times. In an initiative stimulated by the exchanges carried out in the Thematic Group Digital and Popular Communication, promoted by the IX ALAIC Summer School, I propose to connect in a single interview the two methodological fronts addressed: the construction of a collaborative visual atlas in the theoretical wake of archeology of visual knowledge, inspired by Aby Warburg, and conducting semi-structured interviews with collective leaders who question aspects of the capitalist culture of surveillance. To this end, the interviewee was presented with a set of images of artistic works related to the themes of body visibility and algorithmic surveillance. The data obtained brought up three thematic nodes: 1) Historical struggles, 2) Countercolonial cosmovisions, and 3) Thinking of images in opposition, which will be analyzed in resonance with the reflections of the authors Antônio Bispo dos Santos, Tarcízio Silva, and Kate Crawford.

**Keywords:**

Methodology, thought through images, surveillance, visibility, digital platforms

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Natal/RN/Brasil. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM da UFPE. Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: [assuncaoraqueloliveira@gmail.com](mailto:assuncaoraqueloliveira@gmail.com). ORCID: [0000-0001-9876-7151](https://orcid.org/0000-0001-9876-7151). CV: <http://lattes.cnpq.br/8213296308094058>.

**Resumo:** Neste artigo, apresento e analiso os resultados obtidos na primeira entrevista realizada para o projeto de tese em curso, cujo objetivo é investigar de quais maneiras os regimes de visibilidade interferem no regime de vigilância algorítmica dos corpos na contemporaneidade. Numa iniciativa estimulada pelas trocas realizadas no Grupo Temático Comunicação Digital e Popular, promovido pela IX Escola de Verão da ALAIC, me proponho a conectar numa só entrevista as duas frentes metodológicas abordadas: a construção de um atlas visual colaborativo, na esteira teórica da arqueologia do saber visual, de inspiração warburgiana, e a realização de entrevistas semi-estruturadas com lideranças de coletivos que questionam aspectos da cultura capitalista de vigilância. Para tanto, foi apresentada à entrevistada um conjunto de imagens de obras artísticas relacionadas aos temas da visibilidade dos corpos e vigilância algorítmica. Os dados obtidos trouxeram à tona três nós temáticos: 1) Lutas históricas; 2) Cosmovisões contracoloniais e 3) Pensar as imagens por oposição, que serão analisados em ressonância com as reflexões dos autores/as Antônio Bispo dos Santos, Tarcízio Silva e Kate Crawford.

**Palavras-chave:**

Metodologia, pensamento por imagens, vigilância, visibilidade, plataformas digitais

**Resumen:** En este artículo presento y analizo los resultados obtenidos en la primera entrevista realizada para el proyecto de tesis en curso, que tiene como objetivo investigar de qué manera los regímenes de visibilidad interfieren en el régimen algorítmico de vigilancia de los cuerpos en la época contemporánea. En una iniciativa estimulada por los intercambios realizados en el Grupo Temático Comunicación Digital y Popular, impulsado por la IX Escuela de Verano de la ALAIC, propongo conectar en una sola entrevista los dos frentes metodológicos abordados: la construcción de un espacio colaborativo atlas visual, siguiendo la estela de la teoría de la arqueología del conocimiento visual, inspirada en Aby Warburg, y la realización de entrevistas semiestructuradas a líderes de colectivos que cuestionan aspectos de la cultura capitalista de la vigilancia. Para eso, se presentó a la entrevistada un conjunto de imágenes de obras artísticas relacionadas con los temas de visibilidad corporal y vigilancia algorítmica. Los datos obtenidos plantearon tres nodos temáticos: 1) Luchas históricas; 2) Cosmovisiones contracoloniales y 3) Pensar las imágenes por oposición, que serán analizadas en resonancia con las reflexiones de los autores Antônio Bispo dos Santos, Tarcízio Silva y Kate Crawford.

**Palabras clave:**

Metodología, pensamiento por imágenes, vigilância, visibilidade, plataformas digitais

**1. Notas introdutórias**

Este trabalho frutificou da minha participação na IX Escola de Verão, promovida pela Associação Latinoamericana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIIC), e sediada na Universidade del Norte, na cidade de Barranquilla, na Colômbia, em maio de 2023. Na ocasião, participei do Grupo Temático *Comunicação Digital e Popular* apresentando o projeto da pesquisa de doutorado, em curso.

Dentre as retroalimentações por parte dos/as colegas e professores/as ao trabalho apresentado, chamou minha atenção a sugestão, de ressonância coletiva, de que houvesse uma maior conexão entre as duas frentes metodológicas propostas: a) a construção de um atlas de imagens; b) a realização de entrevistas semi-estruturadas com lideranças de coletivos que questionam o atual regime de vigilância algorítmica ou que apresentem alternativas inclusivas ao cenário contemporâneo, levando em conta recortes interseccionais de raça, gênero e classe.

Para que esse empreendimento se torne mais claro, faço uma breve apresentação do meu problema de pesquisa, bem como dos objetivos e de alguns autores/as e conceitos-chave trabalhados na tese. Na sequência, me debruço no debate acerca das estratégias metodológicas adotadas, bem como nas potencialidades e pontos de melhoria relacionados à entrevista conduzida.

**2. Visibilidade e vigilância: conhecendo a pesquisa**

A interferência dos regimes de vigilância de cada época nos regimes estéticos e de visibilidade de seu tempo é um tema que foi e segue sendo explorado na literatura acadêmica. A partir de autores/as como Michel Foucault (2018), Fernanda Bruno (2013) e Paula Sibilia (2016) é possível refletir, por exemplo, acerca da interrelação entre as tecnologias confessionais e a popularização das memórias, correspondências íntimas, diários pessoais e outras narrativas autobiográficas na cultura e literatura modernas, ou mesmo sobre a influência que a proliferação de imagens captadas por câmeras urbanas de vigilância exercem no telejornalismo policial, na pornografia, nos *reality shows* e outras produções audiovisuais.

Entretanto, considero também ser pertinente uma reflexão distinta, que permita pensar como tais estéticas são manejadas para a ampliação e efetivação da vigilância contemporânea, que ultrapassa a vigilância panóptica efetivada nas sociedades disciplinares,

conforme estudado por Foucault (2014). Na atual sociedade de controle (Deleuze, 2013), a vigilância apresenta-se de modo distribuído, algorítmico, incorporada às plataformas digitais, espalhando-se e confundindo-se por entre os circuitos de prazer e entretenimento (Bruno, 2013).

Isto posto, proponho um movimento de pensamento inverso àquele que identifico de modo mais recorrente. Ou seja, em vez de observar os reflexos ou rastros da cultura de vigilância na produção de sentido e nas produções comunicacionais, a questão de pesquisa que levanto é: como o atual regime de vigilância é remodelado pelos regimes de visibilidade dos corpos nas redes sociais digitais? O interesse desta investigação volta-se, portanto, para a compreensão de como as dinâmicas do ver e do ser visto são operacionalizadas na contemporaneidade, agora atravessadas pelas tecnologias algorítmicas e pelas plataformas digitais.

Assim, são discutidas e problematizadas as noções de corpo e visibilidade em diálogo com os atuais regimes de vigilância, em que parecem coexistir modelos panópticos tradicionais com estratégias algorítmicas de vigilância mais sutis, mas não menos eficazes e, certamente, com um poder de penetração na sociedade ainda mais amplo. Estratégias que canalizam interesses políticos e econômicos, em sua esfera pública ou privada, e que encontram nas plataformas digitais — espaços em que a imagem dos corpos tem forte apelo — ambientes fecundos para a coleta de dados, para a efetivação das relações de saber e, conseqüentemente, de poder e controle sobre os corpos.

São ainda debatidas as dinâmicas de invisibilidade, hipervisibilidade e reforço de estereótipos, como os raciais e de gênero, de grupos historicamente subalternizados, seguida da investigação acerca de iniciativas e coletivos que propõem linhas de fugas e espaços de resistência na atual "cultura capitalista de vigilância", um termo aqui adotado como um modo de articular as conceituações dos teóricos David Lyon (2018) e Shoshana Zuboff (2020).

Para tanto, a tese estrutura-se a partir de três eixos teóricos principais: arqueologia do saber visual, vigilância e visibilidade. No primeiro deles, realizo um debate teórico acerca do pensamento por imagens. Com isso, proponho entrecortar o trabalho escrito com a apresentação de pranchas de imagens reunidas e montadas por mim ao longo dos primeiros semestres da pesquisa, operacionalizando a aposta teórico-metodológica de uma "arqueologia do saber visual".

O termo "arqueologia do saber visual" é trabalhado partindo de uma leitura realizada pelo filósofo Georges Didi-Huberman (2018), quando este aproxima o *Atlas Mnemosyne*, elaborado pelo historiador da arte Aby Warburg, ao empreendimento intelectual foucaultiano.

Em comum, tanto na história das ciências foucaultiana quanto na história da arte warburgiana há uma recusa das compreensões cristalizadas e hegemônicas do que seria a obra de arte ou o discurso científico, concedendo importância equivalente às obras populares ou vernáculas, bem como aos espaços de desvio. Há em ambos, ainda, a recusa à linearidade cronológica como modo de compreensão do mundo.

O segundo eixo teórico volta-se para a realização de um panorama das diferentes compreensões que o termo vigilância acumula nas Ciências Humanas, destacando os trabalhos precursores de Foucault (2021) acerca do par poder-saber, fundamentais para a compreensão das atualizações propostas por autores/as como os já mencionados/as Deleuze (2013), Bruno (2013), Lyon (2018) e Zuboff (2020), mas também Han (2018), Chamayou (2015), Birchall (2017), Beiguelman (2021), Crary (2016), dentre outros/as pensadores/as contemporâneos/as que dedicam-se aos *surveillance studies* e a mobilizar, torcer ou ampliar o acervo teórico foucaultiano para pensar os fenômenos contemporâneos, com ênfase nas particularidades da cultura digital, no uso das plataformas digitais, como são as redes sociais digital, e no atual contexto político-econômico neoliberal.

O terceiro eixo de teorizações dedica-se à dimensão da visibilidade. É central na pesquisa a investigação da dimensão escópica e atencional da vigilância sobre os corpos nas redes sociais digitais. Por dimensão escópica, entendo os “dispositivos e práticas do ver e do ser visto na cultura contemporânea” (Bruno, 2013, p. 85), envolvidos num “terreno de disputas em que concorrem modelos mais dominantes e uma série de subculturas visuais”. Já a dimensão atencional acolhe os modos de orientar e exercer a atenção, na esteira do pensamento de Crary (2016) sobre a atenção na cultura moderna.

Nesse debate, o termo "regime" merece atenção. Sua escolha se dá sobretudo, mas não apenas, pela centralidade dada ao corpo. Para Foucault (2019), e em alusão aos tratados de dietética da tradição grega, o regime é o que permite pensar as ações humanas e suas elaborações de regras do que pode e não ser feito, uma verdadeira arte do viver. Logo, quando menciono os regimes de vigilância, por exemplo, refiro-me a todo um grupo de balizas — de contornos políticos, econômicos e culturais —, que dispõem certas ações e comportamentos como mais ou menos saudáveis e morais, e aos/às quais somos conduzidos/as ou não a seguir.

Variáveis historicamente, os regimes contemplam desde a conformação de hábitos cotidianos, como as maneiras através das quais nos alimentamos e nos vestimos, até, como defendo aqui, cenários mais amplos, como são a visibilidade e a vigilância. Entretanto — e esse ponto será tensionado ao longo da tese por meio da apresentação de linhas de fuga

(Deleuze, 2019) traçadas pelas estratégias de contravigilância — o autor nos alerta para o cuidado necessário para não cristalizarmos esses regimes como manuais das únicas maneiras possíveis de estarmos no mundo. Nesse ponto, serão trabalhadas as reflexões de autores como Tarcízio Silva (2022), Safiya Noble (2021) e Kate Crawford (2021) sobre questões concernentes ao racismo algorítmico e ao questionamento do mito da neutralidade das dinâmicas algorítmicas.

### 3. Frentes metodológicas

A tese em desenvolvimento desdobra-se a partir de duas frentes metodológicas principais. A primeira volta-se para um trabalho com as imagens, relacionando-se com uma episteme que compreende as imagens enquanto produtora de saberes. Aqui, vale sublinhar que o entendimento de episteme que reveste esta pesquisa divide afinidade com a definição e problematização delineadas por Grada Kilomba (2019b). A filósofa e artista pontua que, enquanto ciência da aquisição dos conhecimentos, a epistemologia define as questões mais merecedoras de atenção, quais são as formas de análise privilegiadas e os métodos tidos como mais adequados. Desse modo, é esperado um constante olhar crítico para quais são as questões privilegiadas nos espaços acadêmicos, a quem interessam tais perguntas, para onde e para quem vão suas respostas, bem como a atenção para quais são os procedimentos metodológicos — e, acrescento, estilísticos — manejados na condução do estudo.

Voltando às imagens, pontuo que elas não serão trabalhadas apenas visando exemplificar ideias já expostas pelas palavras, mas a partir do que elas produzem por si só — e em contato com outras. Nesse sentido, retomo a operacionalização do dispositivo Atlas — ou princípio-Atlas, como propõe Didi-Huberman (2018) em alusão direta ao trabalho de Warburg (2010). Em seu *Atlas Mnemosyne*, o historiador da arte materializou essa compreensão da imagem, montando um atlas composto por 63 pranchas de imagens que dizem menos pelos sentidos inscritos individualmente em cada figura do que pelos atritos provocados pelas aproximações e distanciamentos entre elas.

Pelo caráter associativo e não hierárquico desse modo de pensar com as imagens, essa estratégia auxiliará na compreensão dos regimes de visibilidade presentes nas redes sociais digitais contemporâneas, em especial no que diz respeito à centralidade dos corpos, permitindo a reunião de fotografias, *frames* de imagens em movimento, pinturas e outras imagens que proporcionam a reflexão sobre as aproximações entre visibilidade e vigilância.

A segunda frente metodológica reflete uma aposta mais recente e diz respeito à atual etapa de contato com lideranças de iniciativas, coletivos, instituições de ensino e pesquisa e

organizações que questionam ou propõem linhas de fugas ao atual regime de vigilância algorítmica dos corpos. A intenção é que os/as representantes desses grupos sejam entrevistados/as para a coleta de dados qualitativos a partir da realização de entrevistas semi-estruturadas via *Google Meet*. Na curadoria de coletivos brasileiros que questionam e se posicionam de modo crítico frente à vigilância algorítmica, nas esferas pública e privada, estão grupos como *Data Privacy Brasil*<sup>2</sup>, *O Panóptico*<sup>3</sup>, *Coding Rights*<sup>4</sup>, *Tire meu rosto da sua mira*<sup>5</sup> e *Coalizão Direitos na Rede*<sup>6</sup>.

As perguntas da entrevista - que, à época da Escola de Verão, ainda estavam em fase de avaliação - foram divididas inicialmente em cinco grupos: 1) *Apresentação*, momento em seriam feitas perguntas contextualizadoras à liderança, como informações sobre sua trajetória e atuação no coletivo; 2) *Vigilância*, com questões abrangentes sobre a existência ou não de vigilância nas plataformas digitais. Ainda nesse bloco havia um momento pontual com a exibição do logotipo das cinco big techs apresentadas por Zuboff (2020) como representantes do atual capitalismo de vigilância: Google, Microsoft, Apple, Meta e Amazon; 3) *Visibilidade/Corpo*, englobando indagações sobre as pessoas se importarem ou não em ceder seus dados às empresas de tecnologia, e se há ou não corpos mais ou menos privilegiados ou prejudicados nessa dinâmica; 4) *Redes Sociais*, com perguntas sobre a possibilidade de resistência nas próprias plataformas digitais, além de um exercício de fabulação especulativa sobre como a liderança imagina que nos comunicaremos daqui a vinte anos; 5) *Fechamento*, abrindo espaço para comentários adicionais sobre ativismo digital, sobre como participar do coletivo etc.

Para avaliar essa proposta, o olhar "de fora" dos/as participantes do grupo temático durante a IX Escola de Verão foi valioso, na medida em que apontou o desalinhamento entre a construção dos atlas de imagens e as entrevistas, que não se conectavam de modo direto, soando ilhados, desconectados. Foi então sugerida a possibilidade de que, de alguma maneira, eu pudesse exibir as imagens das pranchas do atlas para os/as entrevistados/as: uma proposta instigante e desafiadora, e sobre a qual estive debruçada nos meses que se seguiram imediatamente ao evento.

---

<sup>2</sup> <https://dataprivacy.com.br/>

<sup>3</sup> <https://opanoptico.com.br/>

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/codingrights/>

<sup>5</sup> <https://tiremeurostodasuamira.org.br/>

<sup>6</sup> <https://www.instagram.com/direitosnarede/>

#### 4. Imagens que chamam outras imagens

Paralelamente a isso, em julho do mesmo ano pude validar algumas hipóteses epistemológicas do trabalho com imagens durante o 32º Encontro Anual da Compós. No congresso, apresentei o artigo *Feral Atlas e Projeto Selvagem: constelações e compostagens de imagens nas curvas do tempo espiralar* (Assunção Oliveira, 2023). No texto, defendo que tão pertinente quanto pensar a metáfora das constelações, recorrente nos estudos de filosofia da imagem, e de forte alusão benjaminiana, é pensar a imagem da *compostagem* - ou composteira. Ao pensar as imagens como matéria orgânica em decomposição e em constante mistura, podemos adubar outras maneiras de pensar a estética e a epistemologia. Nesse sentido, a metáfora apresenta-se como particularmente produtiva para tratar de projetos colaborativos, plurilíngues e multimídias, como são o *Atlas Feral* e o *Projeto Selvagem*, objetos empíricos do trabalho apresentado.

O primeiro, *Feral Atlas* (Tsing et al., 2021), nomeia o empreendimento organizado pela antropóloga Anna Lowenhaupt Tsing (Estados Unidos) e o coletivo formado por Jennifer Deger (Austrália), Alder Keleman Saxena (Estados Unidos) e Feifei Zhou (China). Disponível digitalmente em formato de *website*, o *Feral Atlas* contempla um aglomerado de textos e imagens audiovisuais que giram em torno do tema do Antropoceno e das interações humanas e não-humanas que nele emergem e conformam novas paisagens, sociabilidades e modos de existir em nível global. Desenhado para ser acessado de modo interativo, saltam na tela do site ilustrações de seres como insetos, plantas, bactérias, vírus, fungos, bem como de elementos como fogo, antibióticos e terremotos induzidos. Ao clicar numa das imagens, que a cada novo acesso flutuam em diferentes posições, somos direcionados/as para um mapa ilustrado que nos permite acessar subpáginas com vídeos, artigos científicos, poemas, fotografias e outros materiais artístico-científicos relacionados ao tema.

O segundo, *Projeto Selvagem*, é organizado pela liderança indígena e filósofo brasileiro Ailton Krenak junto de Anna Dantes e um coletivo de tradutores/as, artistas e pesquisadores/as (Selvagem, 2021). Esse projeto contempla ainda promoção de debates, publicação de livros e produção de peças fílmicas. Estas últimas são reunidas sob o título *Flecha Selvagem* (Mapa das flechas, 2021), somando sete vídeos - as chamados *flechas* - que, através da montagem audiovisual apresentam um composto de imagens das mais diversas: fotografias, ilustrações, *frames* de vídeos artísticos ou disponíveis na mídia, animações, desenhos e esculturas, dentre outras - de arquivo ou originais. No site do projeto, lemos que as flechas, no movimento de apresentarem lado a lado imagens tão diversas, revelam “uma irradiante miríade de imagens ‘compostadas’ de diversos arquivos indígenas, artísticos e

científicos, além de animações e músicas originais” (Mapa das flechas, 2021). Os vídeos, narrados pelo Krenak, levantam discussões sobre a cosmologia dos povos indígenas, filosofia e ciência, de modo entrelaçado, e têm seus roteiros disponibilizados em inglês e francês; alguns, ainda, em espanhol e italiano.

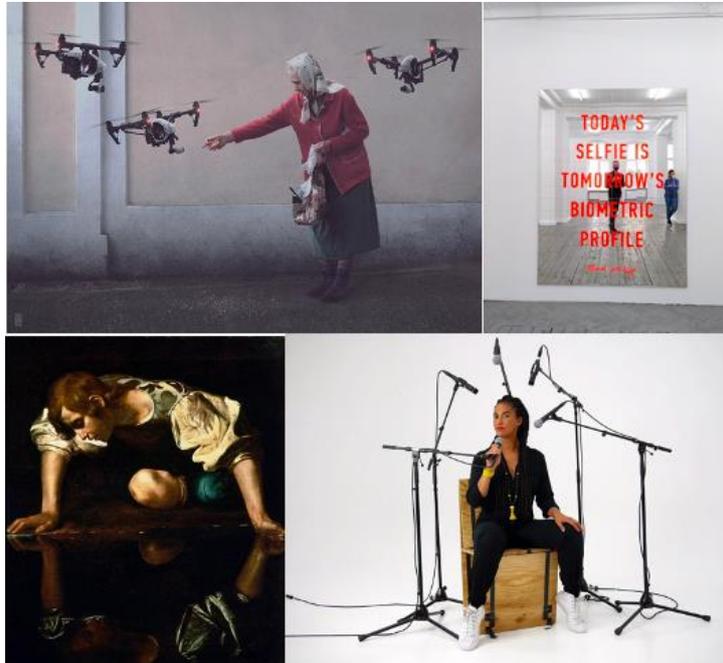
Apresento brevemente os dois projetos como um modo de ilustrar a potência que trabalhar com o atlas tem na elaboração e divulgação de trabalhos não apenas plurilíngues, multimídia e, muitas vezes, de tonalidades descoloniais, como também *colaborativos*. Esta última qualidade me pareceu de grande valor para ser implementada na minha própria pesquisa em curso, revelando uma fraqueza, que antes eu não sabia nomear, que era a produção das pranchas a partir apenas das minhas próprias sensibilidades e critérios.

Foi também inspirada por essa possibilidade de criação de um atlas colaborativo que encontrei a maneira de trazer para junto das entrevistas um pouco do trabalho com a produção das pranchas de imagens que já venho montando desde o início da pesquisa. A intenção é, portanto, menos a de apresentar as imagens buscando explicações, compreensões e significados a serem identificados pelas lideranças, e mais a de fazer usinar o pensamento por imagens a partir das potenciais novas associações que o gesto de exibir tais imagens para as lideranças estimule.

Com todas essas intenções como pano de fundo, optei por reformular o guia da entrevista previamente realizado. Desta vez, as perguntas foram organizadas em seis blocos, distribuídos da seguinte maneira: 1) *Apresentação*, agora mais objetivo, focando na relação da liderança com o coletivo do qual faz parte; 2) *Vigilância*, mantendo as questões abrangentes acerca da existência ou não de vigilância nos espaços digitais, mas retirando a exibição das imagens das logos das *big techs*; 3) *Visibilidade*, mantendo os questionamentos sobre os motivos pelos quais persiste a exposição da intimidade e a intrínseca cessão de dados nas plataformas digitais, bem como a indagação acerca de haver ou não corpos mais ou menos privilegiados nesse processo; 4) *Linhas de fuga e fabulação especulativa*, reunindo num só bloco as questões sobre a possibilidade de resistência ao atual cenário de vigilância algorítmica; sobre se e como é ou não possível resistir de dentro das próprias plataformas digitais e fechando com um convite à especulação de como será a comunicação daqui a vinte anos; 5) *Exercício de pensamento por imagens*, bloco novo em que realizo a exibição de quatro imagens e, a partir delas, pergunto o que elas fazem pensar e quais outras imagens vêm à tona; 6) *Fechamento*, mantendo o espaço para comentários adicionais.

Sobre o quinto bloco vale, portanto, um maior detalhamento. Ele começa com as provocações: a) *Irei mostrar quatro imagens/obras para você e gostaria de ouvir o que você*

*pensa ao ver cada uma delas e b) Essa imagem te faz pensar em outra/s imagem/ns? Se sim, qual/is?*, entremeadas pela exibição das seguintes quatro imagens: uma por slide e, ao fim, consteladas numa única composição:



**Imagens 01 a 04.** Em sentido horário, a começar pelo canto superior esquerdo: *Russia 2016*, de Evgeny Zubkov; *Today's selfies is tomorrow's biometric profile* [A selfie de hoje é o perfil biométrico de amanhã], de Adam Harvey; Pintura *Narciso* (1597-1599), de Caravaggio; Performance *Ilusões Vol. I, Narciso e Eco* (2017). **Fontes:** Zubkov (2018); Harvey (2016); Wikiart (2021); Kilomba (2019a).

As quatro imagens foram coletadas das pranchas previamente realizadas e que, como já foi mencionado, de algum modo fazem emergir questões concernentes aos temas do ver e ser visto/a e do vigiar e ser vigiado/a, costurando os temas da visibilidade e da vigilância. São quatro imagens de obras artísticas, cada uma trabalhada numa diferente mídia: arte digital, instalação, pintura e performance. Conforme já foi investigado em estudo anterior, "a arte contribui para a reflexão crítica acerca da atual cultura capitalista de vigilância, distribuída entre os circuitos estatais e de entretenimento, emaranhada pelas frágeis fronteiras entre público e privado" (Assunção Oliveira e Soares Bezerra, 2023, pp. 13-14).

A primeira delas é a obra digital *Russia 2016*, do artista e designer russo Evgeny Zubkov (2018). Ela retrata uma senhora dando comida a três drones que dela se aproximam, numa postura semelhante a de quem alimenta pombos. Cheguei a essa imagem através do texto de ficção especulativa publicado no dossiê *Imagining Surveillance Futures* do periódico *Surveillance & Society* (Koskela et al., 2021).

A segunda é a instalação *Today's selfies is tomorrow's biometric profile*, do artista estadunidense, baseado em Berlim, Adam Harvey (2016). Com uma trajetória de obras crítica aos sistemas de vigilância contemporâneos, neste trabalho Harvey optou por uma abordagem minimalista, com a exibição de um espelho pendurado na parede com os dizeres *A selfie de hoje é o perfil biométrico de amanhã*, em direta referência aos entrelaçamentos entre exposição de si nas plataformas digitais e coleta de superávit comportamental, aqui entendido como o motor do modelo de negócios das empresas capitalistas de vigilância (Zuboff, 2020)

A terceira imagem é a pintura *Narciso* (1597-1599), do pintor italiano Caravaggio. Nela, está representada uma cena da narrativa mitológica helênica que conta a história de Narciso e Eco. Reclinado no chão à beira de um lago, o pintor retrata a figura masculina do Narciso olhando de modo detido para seu próprio reflexo na água. A presença desse mito no imaginário ocidental reflete-se, por exemplo, na ideia de narcisismo, termo logo abraçado pela teoria psicanalítica para caracterizar o amor que um indivíduo nutre por si próprio/a, e que pode chegar a quadros de transtorno.

Por último, há uma fotografia da performance *Ilusões Vol. I, Narciso e Eco* (2017), criada e protagonizada por Grada Kilomba (2019a). Na imagem, a artista e filósofa aparece sentada numa cadeira de madeira, de postura ereta e com o olhar voltado para a frente, com cinco microfones apontados para si, um dos quais ela segura com uma das mãos.

Essas explicações ou legendas das imagens, no entanto, não foram apresentadas à entrevistada. De modo distinto, aposto na ideia de contaminar o mínimo possível a leitura e as fagulhas que as imagens, por si só, despertam. Nesse sentido, e para uma melhor

compreensão de como essa estratégia metodológica operou, detalho no tópico seguinte as reflexões levantadas na entrevista.

##### **5. "Se tiver erva pra tomar banho, pra mim, eu estou de boa"**

Com o redesenho da entrevista já realizado, entrei em contato com a primeira potencial entrevistada para uma entrevista de teste. Trata-se da liderança de um coletivo brasileiro que, dentre outras pautas, posiciona-se em defesa do banimento das tecnologias de reconhecimento facial na vigilância pública. Com seu retorno positivo para o encontro, a entrevista foi agendada para o dia 17 de agosto de 2023, às 8h30 (fuso horário de Brasília), de modo remoto, via *Google Meet*. A gravação da entrevista, que soma 50'20", teve seu áudio transcrito com o auxílio do *software Transkriptor*<sup>7</sup> e, na sequência, foi revisado manualmente. Para as intenções deste artigo, aponto três nós temáticos principais que se destacaram nas respostas da entrevistada, e que chamarei de: 1) *Lutas históricas*; 2) *Cosmovisões contracoloniais* e 3) *Pensar as imagens por oposição*.

O primeiro deles - *Lutas históricas* - revelou-se desde o bloco *Apresentação*, permanecendo como pano de fundo ao longo de toda a entrevista. Já na primeira pergunta, um pedido de apresentação pessoal e profissional da liderança, a entrevistada - que aqui chamaremos genericamente de A. para preservar sua identidade - enaltece o aspecto matriarcal da sua família, destacando o papel de articuladora que sua avó teve no bairro onde vivia. Em outro momento, ela destaca a conexão da sua atual luta no coletivo com as lutas que historicamente são travadas no Brasil, e nas quais os marcadores da diferença racial e de gênero, por exemplo, são centrais:

Então são essas hoje as minhas preocupações, assim, enquanto coordenadora de campanha: trazer pro centro do debate as pessoas que historicamente são perseguidas com os usos dessas tecnologias. E aí, acho que pra fechar, uma coisa que é importante dizer pra mim sobre a forma como que eu entendo hoje o meu trabalho com tecnologia digital, eu entendo que nenhuma luta que eu travo hoje em relação às tecnologias digitais, os usos dos seus impactos, ela é necessariamente nova. Ela se conecta na verdade com lutas históricas do nosso país, né? E a tecnologia digital, né, e esses espaços que se abrem pra que a gente possa reivindicar de alguma forma o uso responsável ou, como a campanha postula, o banimento do reconhecimento facial, ele acontece por uma mudança no capitalismo. Quando o capitalismo muda, né? Deixa de

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://transkriptor.com/pt-br/>.

ser um capitalismo de mercado e vira um capitalismo de dados, em que as nossas informações viram, né, a nova *commodity*, os mesmos corpos vão ser explorados da mesma forma, gerando mais valia, com os mesmos atravessamentos de gênero, de raça, de classe, de território, então a geopolítica também é algo muito importante nesse processo, nessa minha leitura agora, né, enquanto coordenadora, assim, tem sido essa minha a minha reflexão. (A., 2023, comunicação oral)

Esse modo de compreender os fenômenos do presente alinha-se com a visão do pesquisador Tarcízio Silva (2022), para quem o racismo algorítmico manifesta-se como uma camada do racismo estrutural, e que "molda o futuro e os horizontes de relações de poder, adicionando mais opacidade sobre a exploração e a opressão global que já ocorriam desde o projeto colonial do século XVI". Desse modo, torna-se incontornável enfrentar as lógicas racializantes da vigilância que estão impregnadas nas estratégias de controle dos corpos desde o período colonial. E que revelam-se em processos em que, ao mesmo tempo que invisibilizam os corpos subalternizados com a finalidade de negação de seus direitos, em outras circunstâncias também os hipervigiam, ordenam, classificam e punem, num processo que manifesta-se desde o racismo científico-colonial até a atual necropolítica dos corpos, conforme investiga o filósofo camaronês Achille Mbembe (2018). O racismo é compreendido, portanto, como uma tecnologia que viabiliza o biopoder. Nesse cenário, tecnologias como o reconhecimento facial, foco do ativismo exercido pela entrevistada, entrelaçam-se com a cultura do encarceramento e com as tecnologias de policiamento preditivo, intrínseca e historicamente enviesadas e racistas. Recorrendo a dados disponibilizados pelo *Levantamento nacional de informações penitenciárias - jun. 2016*, Tarcízio Silva (2022) destaca que:

Com mais de 700 mil pessoas encarceradas, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo. [...] Entre as pessoas encarceradas, 64% são negras e 75% não puderam realizar o ensino médio. Quando cruzamos esse dado com as razões para a prisão, deparamos com a criminalização da negritude e da pobreza. Entre os homens, 26% estão presos por tráfico e 12% por furto, enquanto 62% das mulheres respondem por tráfico e 11% por furto.

Esses números contribuem para reforçar a conexão entre as lutas históricas travadas pelos povos subalternizados e o ativismo contemporâneo contra o uso de inteligência artificial para reconhecimento facial nas câmeras de segurança pública, conforme defende a entrevistada. Ela ainda argumenta que a vigilância opera em duas frentes: na primeira, do Estado para os corpos, controlando-os, e entendida pelo coletivo como um

"tecnautoritarismo"; e, na segunda, a partir das plataformas, entendidas como empresas, traçando perfis de consumo.

Compreendo as duas frentes de modo conectado, com os "avanços" alcançados em cada uma delas sendo recorrentemente incorporados pela outra. A pesquisadora australiana Kate Crawford (2021) ilustra esse cenário de retroalimentação entre vigilância pública e privada quando apresenta o caso do *NIST Special Database 32 - Multiple Encounter Dataset*, banco de dados mantido pelo *National Institute of Standards and Technology*, este parte do Departamento do Comércio dos Estados Unidos. Na coleção, está presente um vasto conjunto de *mugshots* - os chamados retratos de identificação ou, de modo mais informal, "fotos de presidiários/as". Partindo da lógica extrativista que impera hoje de que todo dado está no mundo para ser coletado e usado, desconsidera-se o contexto dessas fotografias, que passam a ser usadas sem consentimento dos/as fotografados para treinar as tecnologias de inteligência artificial e, como consequência, refinar uma forma automatizada de visão que evoca as teorias e experimentos eugenistas de Francis Galton, que no final do século XIX trabalhou com fotografias de presos/as para determinar o que seria um "tipo criminoso" (Crawford, 2021, p. 91). Mais uma vez, salta aos olhos a historicidade e continuidade dessas pautas históricas no presente.

O segundo nó temático que identifico na entrevista diz respeito à recorrência das cosmovisões contracoloniais, entendida pela entrevistada enquanto perspectiva filosófica contra-hegemônica para pensar o papel das tecnologias digitais e da comunicação. Em alusão direta ao pensamento da liderança quilombola Antônio Bispo dos Santos, a entrevistada aponta para as *confluências*, conceito central do seu pensamento:

*Ele [Antônio Bispo dos Santos] fala sobre as cosmovisões e as confluências, né? São povos que se relacionam com a terra e com os recursos e com as necessidades humanas de uma forma respeitosa em que acenam pra gente uma indicação de caminho possível para a continuidade da existência humana aqui na Terra. Eu sei que a gente está falando de digital e a gente está diante dos maiores desafios agora da regulação das novas tecnologias e tal e tudo mais, mas a gente continua inserido dentro de um mundo que tem data pra que as condições nossas, de existência da vida humana... Têm data pra acabar, da forma com que a gente se relaciona. E as plataformas e o digital eles se relacionam com esse fim do mundo. É uma narrativa de captura em que nada escapa. Nossos corpos não escapam, nossa subjetividade não escapa, os recursos minerais que são utilizados pra criar os nossos dispositivos não escapam e isso vai gerar conflito com a terra, isso vai gerar conflito com outras*

*cosmovisões. Então essa cosmovisão capitalista está condenada e povos tradicionais mostram pra gente que existem outra forma.* (A., 2023, comunicação oral)

Nas palavras do próprio Nêgo Bispo (Bispo dos Santos, 2023, p. 15), como também é conhecido o intelectual, "a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito [...], é uma força que rende, que aumenta, que amplia". Disso pode ser possível desprender a ideia de uma *confluência de saberes*, através da qual, aponta o autor (ibidem, p. 45), "formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas". Com esse horizonte em vista, torna-se possível pensar em saídas para o cenário pessimista acerca da vigilância algorítmica que se desenrola ante aos nossos olhos. Na visão de A.: "*eu creio numa saída, uma saída filosófica, uma saída simbólica, porque ela é contra hegemônica, ela é contracolonialista. Acho que pra mim é essa é a forma com que eu entendo isso*". (A., 2023, comunicação oral)

Ainda nesse fio conecta-se a resposta dada ao exercício especulativo proposto, por meio do qual solicitei que a entrevistada fabulasse sobre como será a comunicação daqui a duas décadas. Da sua resposta, destaco o seguinte trecho:

*Daqui a vinte anos eu espero que existam uma multiplicidade, uma diversidade nas formas de se comunicar e de se comunicar para resistir a esse controle e a essa dominação, né, de corpos e de futuros. É o que eu espero que exista assim. Mas, daqui a vinte anos também eu entendo que eu vou continuar me conectando e me comunicando com as mesmas pessoas e com os mesmos valores, porque quilombismo, por exemplo, é algo que existe há mais de quinhentos anos no nosso país. E vai continuar existindo. A soberania dos povos indígenas, né, a reivindicação por território, a reivindicação pela sua autonomia, né, e pela sua forma de existir no mundo, vai continuar existindo. E aí eu acho que o restante é só embalagem. Eu acho que daqui a vinte anos vou continuar me comunicando com Exu, vou continuar jogando búzio, que são tecnologias de comunicação à minha maneira. Vou continuar, enfim, indo pra cachoeira pra fazer padê, porque isso também é comunicação pra mim, acho que isso não vai mudar. Agora, o que o mercado vai fazer, acho que não é algo que... Eu tento não me ocupar disso, não é a minha preocupação, assim.* (A., 2023, comunicação oral)

Na fala, chama atenção a sua compreensão ampliada e corporificada da comunicação, aqui vista não como sinônimo de comunicação mediada por tecnologias digitais - mesmo com o tema da entrevista gravitando em torno dessa questão. De modo distinto, A. aponta

para a resistência da comunicação que se dá através do contato dos corpos, das oralituras - e aqui aludo à Leda Maria Martins (2021) - e da conexão com a espiritualidade, com os seres não humanos e ancestrais. Em dado momento, ela sintetiza: "*Se tiver erva pra tomar banho, pra mim, eu estou de boa*" (A., 2023, comunicação oral).

O terceiro e último nó emergiu da maneira como o exercício de pensamento por imagens frutificou no contato com a entrevistada. Ao ser apresentada às imagens, de pronto A. apresentou uma espécie de desconforto, pensando-sentindo com as imagens afetos e narrativas aflitivos, inquietantes. Nas suas palavras, "*essas imagens, elas contam uma narrativa de terra arrasada. Contam uma narrativa eurocêntrica ou dominante do Norte Global. É... De captura. É angustiante, sufocante*" (A., 2023, comunicação oral). Logo, é traçando um caminho inverso que, ao ser questionada sobre outras imagens, ela evoca a figura da mãe preta de terreiro sentada numa cadeira e cercada de plantas. Uma imagem despertada em especial pela visão da imagem *Russia 2016* (Zubkov, 2018), que mostra uma senhora alimentando drones como se fossem pombos, mas também em forte ressonância com o Narciso caravaggiano. Nas suas palavras:

*Uma mãe preta nunca estaria na situação da imagem dessa senhora dando milho para o drone como pombo, entendeu? Por isso que eu pensei logo na mãe preta de terreiro. Mãe preta de terreiro está cercada de outras coisas, de outras prioridades, de outras necessidades. O idoso, ele é colocado num outro lugar, né? Essa necessidade de olhar pro espelho, eu não preciso olhar pro espelho. Eu preciso olhar pro mais velho.* (A., 2023, comunicação oral)

A segunda e última imagem trazida pela liderança foi a do orixá Ogum. Acerca dessa conexão, considero válido ler/ouvir as palavras da entrevistada:

*Ogum é o orixá da tecnologia, né? Eu acho que... Por que que eu pensei na oposição? Porque o tempo inteiro o meu exercício dentro trabalho tem sido de contrapor narrativas. Se a gente, se eu me apego às imagens que você trouxe, pra mim ali tem angústia, tem dor, tem medo, tem solidão, tem paralisia, tem... É uma coisa que me adoce, sabe? É uma coisa que eu não... Então, quando eu... Você fala: o que é que eu pensei? Vem a oposição e vem a mãe preta de terreiro e vem Ogum. Porque tecnologia é muito mais do que isso. Eu acho que o que eu tento fazer em cada confluência, como diz o Nego Bispo, é que a gente faça, ó: "vocês estão olhando aqui". Porque a gente tá aqui no vidrinho, na tela, nesse aperto que cabe na palma da mão. Mas o universo é isso aqui. É muito mais amplo. Tecnologia é Ogum que traz. A fundição do metal, né? O que abre a clareira na mata, o que descobre caminho, o que*

*dá caminho, o que dá passagem, né? Então, numa mão uma foice, na outra mão, a espada, né? A fundição dos metais das riquezas, a forma com que a gente se adorna, a forma com que as minas foram exploradas no nosso país, né? As Minas Gerais é um conhecimento que ele vem de África, ele é um conhecimento que ele vem com pessoas escravizadas aqui no Brasil.* (A., 2023, comunicação oral)

Ambas as imagens aparecem, portanto, em contraposição ao *páthos* das imagens expostas. Apesar do caráter questionador das obras de Adam Harvey e de Grada Kilomba, é ora por afinidade, ora por negação que todas as quatro peças remetem à dimensão negativa do cenário atual de vigilância e visibilidade. De modo alternativo, é num movimento radical e criativo que a entrevistada incorpora às pranchas um par de imagens que encapsulam verdadeiros gestos de resistência às dinâmicas operadas pela cultura capitalista de vigilância. Ante as relações ciborgues, a natureza em exuberância. Ante o ensimesmamento, a conexão com os demais seres, humanos e não humanos.

## **6. Considerações finais**

Feita esta breve apresentação da pesquisa, do redesenho das estratégias metodológicas propostas e, por fim, dos resultados obtidos na entrevista de teste, considero positiva a realização da entrevista, bem como da aplicação da proposta de construção colaborativa do atlas. Pretendo manter o formato e a disposição das perguntas. Se, no processo de elaboração das questões, tive dúvidas sobre realizar o exercício de pensamento por imagens antes ou depois dos blocos mais "teóricos" de questões, após a realização da entrevista de teste percebo que foi a escolha mais acertada. Por mais que soe potente a proposta de apresentar as imagens sem o/a entrevistado/a estar contaminado/a por debates prévios, as quatro imagens escolhidas são de temas e suportes bem diversas, de modo que considerarei frutífero usar o pensamento com reflexões sobre visibilidade, vigilância algorítmica, fabulação especulativa e a possibilidade de linhas de fuga antes de partir para as imagens.

Identifico, no entanto, que pode haver uma melhoria na maneira como as quatro imagens são apresentadas. Exibir as quatro imagens juntas inicialmente e, só nos slides seguintes, mostrá-las individualmente, pode ser mais fértil que o caminho adotado na entrevista com A., que foi o inverso: primeiro as imagens separadas, e só então juntas. Isso porque destacar primeiro a relação entre as imagens, para só então deter-se a cada uma delas, poderá destacar a qualidade de atlas e montagem da seleção. Pontuo ainda que há uma série de outros trechos e discussões abordados na entrevista que podem e devem ser abordados da tese, mas que pelas limitações e intenções deste artigo foram suprimidos para dar destaque e

exemplificar de modo sintético as temáticas discutidas dentro dos três principais nós temáticos identificados.

Destaco, no entanto, o valor que tem o trabalho colaborativo na construção e ampliação do atlas. Além da liderança ter enriquecido a pesquisa com o seu conhecimento teórico e prático sobre vigilância e vigilância, destaco as potencialidades do exercício de pensamento por imagens. Ao trazer para o atlas novas imagens por oposição, e não por simples afinidade plástica ou temática, A. também amplia de modo prático o horizonte epistêmico para o qual a pesquisa também deve mirar.

Relembro, por fim, o caráter em progresso e, portanto, ainda inacabado, desta pesquisa. Os próximos passos envolvem, portanto, a realização da entrevista com novas lideranças. Com isso, pretendo somar novas perspectivas, sobrepor novas narrativas especulativas e acrescentar novas imagens à composteira, num movimento em contínua ressonância com as linhas de fuga ao atual cenário de visibilidade dos corpos e vigilância algorítmica.

## 7. Referências

- Assunção Oliveira, R. (2023). *Feral Atlas e Projeto Selvagem: constelações e compostagens de imagens nas curvas do tempo espiralar*. Anais do 32º Encontro Anual da COMPÓS. <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/feral-atlas-e-projeto-selvagem-constelacoes-e-compostagens-de-imagens-nas-curvas?lang=pt-br>
- Assunção Oliveira, R., e Soares Bezerra, J. (2023). Estéticas da vigilância digital: articulações com o Instagram. *Revista Temática*, 19 (3), 1-15. <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/65808/37032>
- Beiguelman, G. (2021). *Políticas da imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. Ubu Editora.
- Birchall, C. (2017). *Shareveillance: the dangers of openly sharing and covertly collecting data*. University of Minnesota Press.
- Bispo dos Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. Ubu Editora.
- Bruno, F. (2013) *Máquinas de ver, modos de ser*. Sulina.
- Chamayou, G. (2015). *Teoria do drone*. Cosac Naify.
- Crary, J. (2016). *24/7: capitalismo tardio e fins do sono*. Ubu Editora.
- Crawford, K. (2021). *Atlas of AI: power, politics and the planetary costs of artificial intelligence*. Yale University Press.

- Deleuze, G. (2019). As estratégias ou o não estratificado: o pensamento do lado de fora (poder). Em G. Deleuze, *Foucault* (pp. 73-93). Brasiliense.
- Deleuze, G. (2013). Post-scriptum sobre as sociedades de controle. Em G. Deleuze, *Conversações*. Editora 34.
- Didi-Huberman, H. (2018). *Atlas ou o gaio saber inquieto: o olho da história, III*. Editora UFMG.
- Mapa das flechas. (2021). Flecha Salvagem. <https://selvagemciclo.com.br/flecha/>
- Foucault, M. (2021). *Microfísica do poder* (11<sup>a</sup> ed). Paz e Terra.
- Foucault, M. (2019). *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2018). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Paz e Terra.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Vozes.
- Han, B. C. (2018). *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas do poder*. Âyiné.
- Harvey, A. (2016). Today's selfies is tomorrow's biometric profile. <https://adam.harvey.studio/todays-selfie/>
- Kilomba, G. (2019a). *Desobediências poéticas* (Curadoria de Jochen Volz e Valéria Piccoli). Pinacoteca de São Paulo.
- Kilomba, G. (2019b). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Cobogó.
- Koskela, H., Mäkinen, L. & Behrndt, T. (2021). A flock of rogue drones. *Surveillance & Society*, 19 (4), 462-465. <https://ojs.library.queensu.ca/index.php/surveillance-and-society/article/view/15124>
- Lyon, D. (2018). Cultura da vigilância: envolvimento, exposição e ética na modernidade digital. In F. Bruno (Org.), *Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem*. Boitempo.
- Martins, L. M. (2021). Composição I: Teosofias, tempos e teorias. Em L. M. Martins, *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Cobogó.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. N-1 Edições.
- Noble, S. (2021). *Algoritmos da opressão: como o Google fomenta e lucra com o racismo*. Editora Rua do Sabão.
- Selvagem. (2021). *Ciclo de estudos sobre a vida*. <https://selvagemciclo.com.br/>
- Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Contraponto.
- Silva, T. (2022). *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais*. Edições SESC.
- Tsing, A. L., Deger, J., Keleman Saxena, A. & Zhou, F. (2021). *Feral Atlas: The More-Than-Human Anthropocene*. Stanford University Press. <https://feralatlans.org>.

Warburg, A. (2010). *Atlas Mnemosyne*. Ediciones Akal.

Wikiart. (2021). *Narciso – Caravaggio*. <https://www.wikiart.org/pt/caravaggio/narciso-1599>

Zubkov, E. (2018). *Russia 2016*. <https://www.behance.net/gallery/61685009/Russia-2046>.

Zuboff, S. (2020). *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder*. Intrínseca.